

PENSAMENTO: TERRITÓRIO DE RESISTÊNCIA

Claudia Silva de Santana¹

RESUMO

Ressignificar o pensamento situando-o no contexto da atualidade enquanto território de resistência é o objetivo deste artigo. Uma atitude legítima considerando que com a pós-verdade muitas pessoas estão dispensando o pensar; atividade inerentemente humana, com a qual conquistamos nossa liberdade enquanto seres históricos. Considerando esse contexto, como podemos resignificar o pensamento enquanto território de resistência? A partir desse problema fomos traçando um percurso à luz da pesquisa bibliográfica cujo suporte teórico de base foi definido mediante a necessidade de responder as questões orientadoras deste artigo: Qual o conceito cartesiano de pensamento? Como contrapor o pensamento existência ao pensamento resistência? Como o pensamento se estabelece enquanto território de resistência? Questões que estão contempladas em três eixos discursivos que abordam o conceito cartesiano de pensamento, no qual dialogaremos com Descarte e seu Discurso do Método; O contraponto entre o penso logo existo e o penso logo resisto, ampliando as contribuições de Descarte com Foucault e então o discurso sobre o pensamento enquanto território de resistência no contexto da obra: A Era da Pós-verdade: realidade versus percepção. Todos esses eixos desenvolvidos em texto corrido no referencial teórico. Todo arcabouço construído no curso desse diálogo resulta em concluir que o pensamento no contexto da atualidade se estabelece enquanto território de resistência quando este se constitui menos pela busca da verdade e mais em defesa do pensar como único caminho para se chegar à verdade e, portanto não pode ser desprezado porque dele depende a liberdade humana.

PALAVRAS-CHAVE: Pensamento, Território, Resistência, Pós-verdade.

INTRODUÇÃO

O problema da verdade se estende desde a modernidade; no entanto, hoje tem uma característica muito peculiar que está ligada a uma impressão, para não dizer quase uma constatação de que uma grande maioria de pessoas está dispensando o pensar e consequentemente dispensando a verdade. O pensar é atividade inerente à espécie humana e não pode ser desprezada porque dela depende a nossa liberdade.

Pensar, verdade e liberdade são indissociáveis haja vista que não há como chegar à terceira sem a segunda e à segunda sem a primeira. Consequentemente dispensar o pensar, além de desprezar a verdade é também atentar cont¹ra a liberdade.

¹ Professora do curso de Pedagogia – FCG - Faculdade de Ciências Educacionais Capim Grosso. claudiafaecq@hotmail.com

O motor propulsor da busca da verdade foi sempre a necessidade que teve o sujeito de dar respostas a muitas de suas inquietações e seguindo essa lógica, dispensar o pensar sugere que as pessoas estariam: perdendo a curiosidade sobre o mundo? pensando que já sabem o suficiente? cansadas de perguntar, de procurar conhecer? perdendo o desejo e o interesse pela descoberta? Ou o pior, cansaram de ser livres?

É mister lembrar que foi pensando sobre o mundo e a relação que estabelece com o mundo que os indivíduos promoveram transformações significativas para que chegássemos ao cenário atual em relação as descobertas e avanços científicos em todas as suas áreas.

O pensamento move e muda o mundo e, portanto, é preciso sair em defesa do mesmo enquanto resistência contra o sentimento de desprezo pelo pensar que tem conduzido um gritante e aterrorizante culto à ignorância e ao desconhecimento nos tempos atuais.

Embora o desprezo do qual falamos seja sobre o pensar enquanto sinônimo de verdade estabelecida pela racionalidade, a proposta de resistência defendida neste discurso é conferida ao pensar que atue reflexivamente sobre o que se quer que seja estabelecido enquanto verdade para dar corpo aos sentidos e significados dessa estratégia de alienação coletiva. Uma atitude muito mais humana do que científica.

A “verdade”, conquista cara da ciência moderna, vale sempre lembrar, se transforma nessa nova era, em um dos grandes paradigmas da humanidade. Antes, compreendida como luz que, lançada sobre a ignorância despertava a consciência humana promovendo assim a liberdade do indivíduo de pensar ele mesmo sobre o mundo, hoje vive o paradoxo de ser ignorada, menosprezada e ridicularizada pelo ser pensador o qual nos tornamos após experimentarmos a liberdade alcançada pela luz do conhecimento. Verdade que tem sido submetida a discursos de desprezo carregados de relações de poder que precisam ser compreendidas a fundo.

Relações de poder que estão intimamente ligadas as relações entre oprimidos e opressores tão bem traçadas por Paulo Freire em Pedagogia do Oprimido. Relações que precisam ser desnudadas à luz da ciência haja vista que o discurso de desprezo pela verdade é um fenômeno que foi e está sendo construído em meio a uma lógica de dominação e sua estratégia de alienação coletiva e que reclama uma tarefa exaustiva do pensar atrelada ao propósito de resistência a essa realidade.

Um pensar que evolua com o tempo e que nesse contexto precisa saltar definitivamente do território que o limita enquanto razão de nossa existência para o território que o ressignifique

como razão de nossa resistência. Um pensar que nos leve a desnudar as estratégias dos discursos pós-verdade para que possamos continuar a estabelecer em nome da ética e da humanidade o discurso verdadeiro sobre o qual já nos alertava Foucault.

Partindo desse pressuposto faz-se necessário estabelecer antes o conceito do pensamento cartesiano para contrapô-lo ao pensamento resistência e só então consolidar a proposta do nosso discurso que é a de ressignificar o pensamento situando-o no contexto da atualidade no sentido de ampliar e afirmar o entendimento do mesmo enquanto território de resistência.

METODOLOGIA

O percurso rumo ao alcance do objetivo aqui proposto foi traçado à luz da pesquisa bibliográfica cujo suporte teórico de base, foi definido mediante a necessidade de responder as questões orientadoras desse artigo: Qual o conceito cartesiano de pensamento? Qual o contraponto entre pensamento existência e o pensamento resistência? Quando o pensamento se estabelece enquanto território de resistência?

Questões que estão contempladas neste artigo em três eixos discursivos que abordam o conceito cartesiano de pensamento, no qual dialogaremos com Descartes e seu Discurso do Método; o contraponto entre o penso, logo existo e o penso, logo resisto ampliando as contribuições de Descartes com Foucault para então afirmar o pensamento enquanto território de resistência situando-o no contexto da obra, *A Era da Pós-verdade: realidade versus percepção*.

Todo esse esforço é no sentido de afirmar um novo território para o pensar que não mais o da pura existência e sim da resistência de onde deve partir toda a transformação desse mundo onde *o objetivo e o racional perdem peso diante do emocional ou da vontade de sustentar crenças, apesar dos fatos demonstrarem o contrário*. (José Antonio Llorente . *A Era da Pós-verdade: realidade versus percepção*. P, 9.)

Assim, o arcabouço construído no curso desse diálogo culmina na conclusão de que o pensamento no contexto da atualidade se estabelece enquanto território de resistência quando este se constitui menos pela busca de verdades e mais em defesa do pensar como único caminho para se chegar à verdade sinônimo de conhecimento e, portanto não pode ser desprezado porque dele depende a liberdade humana.

REFERENCIAL TEÓRICO

Embora as questões de ordem filosóficas contidas no discurso cartesiano tenham sofrido críticas no decorrer do desenvolvimento da ciência, essas críticas precisam ser compreendidas no contexto de seus discursos da mesma forma que, é no contexto das ideias de Descartes que se compreende a importância do seu pensamento para o avanço da ciência moderna.

Como ponto de partida é preciso considerar que o surgimento da ciência moderna se dá ainda em meio a uma simbiose com a filosofia e a religião, das quais leva um tempo para se desvencilhar. Dessa relação resultou uma explicação e compreensão metafísica do mundo e isso para Descartes levantava mais dúvidas do que certezas, um problema que precisava ser resolvido com uma reforma do conhecimento. Uma revolução para a época como bem descreve em análise, LEITE, SOUZA e CHAGAS:

Descartes teve destaque pelo caráter revolucionário do seu pensamento em pleno século XVII, para uma sociedade na qual a influência da Igreja possuía muita força e poder, inspirando contemporâneos e diversas gerações de filósofos posteriores. O objetivo fundamental do seu pensamento foi uma profunda reforma do conhecimento humano, daí o fato de boa parte da filosofia escrita, a partir deste momento, se tornar uma reação às suas obras. (p. 184)

Descobrir um novo fundamento filosófico para a ciência moderna torna-se o objetivo de Descartes que passa a investir na busca pelo rompimento das relações filosóficas com as tradições aristotélicas e com o pensamento escolástico. Um passo importante rumo à consolidação do status da ciência como conhecimento verdadeiro.

Para Descartes a Filosofia moderna deveria rejeitar como verdade tudo aquilo que pudesse ser posto em dúvida. E eram as dúvidas e incertezas que marcavam o seu tempo. Então se apresentava diante de si um grande desafio: encontrar um caminho que o levasse a certeza, a verdade incontestável.

Era preciso construir argumentos filosóficos contundentes para legitimar a ciência moderna como conhecimento verdadeiro, e isso implicaria um exaustivo pensar no sentido de encontrar a primeira certeza da qual partiriam outras. E assim ele estabeleceu como primeira certeza, primeira verdade incontestável, o pensamento; e descreve como chegou a ela em sua célebre obra: O Discurso do Método:

- Enquanto queria pensar assim que tudo era falso, era necessariamente preciso que eu, que o pensava, fosse alguma coisa.
- notando que esta verdade - **Penso, logo existo** - era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos cépticos não eram capazes de a abalar, julguei que podia admiti-la sem escrúpulo como o **primeiro princípio da filosofia que buscava;**
- reconheci que eu era substância, cuja única essência ou natureza é pensar, e que, para existir, não necessita de nenhum lugar nem depende, de coisa algum material.

- De sorte que este eu, isto é, a alma pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo, e até mais fácil de conhecer que ele, e, mesmo se o corpo não existisse, ela não deixaria de ser tudo o que é (RIBEIRO, 1995, p. 24).

Foi dessa forma que o pensamento cartesiano se tornou bússola para toda a ciência moderna durante muito tempo e é inegável a colaboração de Descartes para que a ciência de um modo geral realmente galgasse e alcançasse o status de ciência da verdade e se desenvolvesse rumo ao patamar que hoje se encontra, entretanto, logo surgiram críticas ao pensamento cartesiano.

Ao considerar e defender como distintos, corpo e alma, o “Penso, logo existo” de Descartes, também apresenta à ciência moderna, outro grande paradigma a ser enfrentado: a fragmentação do conhecimento; princípio da corrente positivista que influenciou e direcionou as ciências por muitos anos. Condicionar a razão de nossa existência, ao pensar desvinculando-o do corpo e da relação que estabelecemos com o mundo através de nossos sentidos, tornou-se para a ciência contemporânea um problema a ser refletido e questionado.

E logo foi tomando corpo, críticas sobre a dualidade corpo e alma trazida por Descartes. Estas questionavam a superioridade do pensamento sobre a existência física desvinculando o corpo da matéria e distanciando o pensar da experiência dos sentidos. Um conceito de pensar que não mais dava conta de responder as questões sobre o mundo que se apresentavam como problemas muito mais complexos à ciência contemporânea.

O pensamento, compreendido como única razão de nossa existência negava a experiência e sua relação com o desenvolvimento do pensar. Conseqüentemente a existência limitada ao pensar se tornava praticamente uma entidade suprema e o sujeito que pensa seria então, um ser divino e incontestável.

A essência da revolução provocada por Descartes encontra-se em uma inversão de perspectivas: para ele, é o sujeito que, utilizando-se de seu intelecto, descobre as verdades eternas, que, através de sua teoria metafísica, são garantidas por Deus. Esta teoria, embora se suporte na crença na existência de um ser-Transcendente-Criador-das-Verdades-Eternas, atribui ao sujeito uma independência radical (RIBEIRO, 1995, p. 10).

Partindo da ideia de que se o pensamento era a verdade e se o homem era o único a pensar, pressupunha-se ser o homem detentor do poder de estabelecer o que era verdade, a verdade nesse caso estaria submissa ao sujeito que observa e estuda o objeto a ser conhecido. Nessa lógica quem colocaria a verdade em questão se o único a estabelecer a verdade era o sujeito do conhecimento independente da relação que ele estabelecesse com o objeto?

Esse é outro problema que precisaria ser resolvido pela ciência e assim o foi quando o sujeito passou então a ser compreendido também como objeto, perdendo assim o seu status de Ser-Criador-das Verdades-Eternas.

A partir daí o pensamento deixa de ser compreendido como algo dado e sim construído na relação que o sujeito estabelece com o meio que o cerca e de onde brota o conhecimento. E essa relação é muito particular, diversa e múltipla e precisa ser considerada quando for analisadas as verdades estabelecidas pelos sujeitos assim como também seus discursos de verdades.

A dualidade corpo e alma cai por terra já que torna-se inconcebível refletir o pensar longe das experiências do sentido e a verdade deixa de ser um espírito divino e passa a ser compreendida como uma construção humana logo, o conhecimento se dá na relação sujeito e objeto simultaneamente sem relação de superioridade e inferioridade haja vista que, tão importante quanto o sujeito que quer conhecer é o objeto a ser conhecido. Se não tem objeto a ser conhecido não há sentido no sujeito que quer conhecer e se não há sujeito que quer conhecer, necessariamente não há objeto a ser conhecido.

Podemos então dizer que as lacunas existentes no pensamento existência de Descartes foram então preenchidas à luz da evolução da própria ciência no entanto, o pensamento, objeto de tantas tensões e embates desde a modernidade volta ao centro das discussões em pleno século XXI, em meio à pós-verdade.

Vencemos os limites do pensamento existência e agora precisamos continuar a seguir em frente para estabelecer um novo território para o pensar: o território da resistência. Um lugar de onde possamos recuperar o desejo de verdade da ciência moderna, ressignificando o, frente ao desprezo pela verdade que marca essa nova era.

Um desejo que imprimiu uma marca na história da ciência ao conduzir o pensar para o centro da existência humana e por consequência o conhecimento. Pensamento e conhecimento são dois fenômenos humanos que hoje despertam em muito de seus sujeitos um desinteresse que pode trazer riscos a liberdade humana, posta à prova constantemente pelo projeto de alienação do mundo atual e que precisa ser compreendido à luz das ciências humanas para que sejam desnudadas suas razões. Paradoxalmente esse é um desafio que não pode ser vencido dispensando o pensar.

Como ponto de partida propomos, estabelecer os contrapontos entre o Penso, logo existo e o Penso, logo resisto, considerando ser necessário a priori ressalvar que o problema da verdade na modernidade difere do problema da verdade na pós-verdade porque na primeira a questão central era a busca da verdade enquanto que na segunda a questão central é o desinteresse pela mesma.

Na modernidade, o pensamento constituiu-se em única certeza confiável. Um caminho traçado à luz da reflexão filosófica que é em síntese o exercício de pensar. Em tempos de

desinteresse pela certeza, o pensamento ficou fadado a reproduzir automaticamente informações e a razão passa a ser substituída pela emoção e pelas crenças pessoais. Pensar deixa de ser assim um exercício filosófico como nos esclarece Muniz,

[...] a grande questão da pós-verdade é a superação da “verdade dos fatos” pelo estabelecimento da convicção como critério de validade para um argumento. Vale dizer, ademais, que tendo a convicção como critério de validação, assume-se, automaticamente, os próprios valores a ela subjacentes como fundamento dos posicionamentos e opiniões. Uma vez que os valores são princípios estruturantes do próprio ser enquanto ser-no-mundo, não há como passar despercebido o fato de que se trata, no fim das contas, não de um desejo de descoberta de uma suposta verdade última, estanque ou definitiva, mas sim de um desejo de manutenção das identidades e das verdades que lhe são convenientes para tanto (ROBERTO, 1995, p. 133).

A verdade nesse caso estaria submetida aos desejos de verdade de um sujeito que não está preocupado em descobertas e sim em fazer valer suas crenças. Nesse ponto poderíamos dizer que retomamos o sujeito supremo moderno, único capaz de estabelecer verdades, com uma diferença: O sujeito supremo cartesiano era movido pela busca da verdade ao ponto que o sujeito supremo do qual falamos busca fazer valer suas verdades enquanto verdades irrefutáveis e essas estão condicionadas as suas crenças. Nega-se aqui, portanto, o pensar-razão em virtude do pensar-convicção.

Pensar para Descartes era um fenômeno racional que estaria a serviço da verdade e, portanto, seria necessário garantir ao sujeito, dono da verdade, um método que assegurasse para si o objeto.

A partir do pensamento cartesiano, o conceito de “sujeito” – antes Hypokeimenon, depois Subiectum – encontra-se essencialmente ligado ao homem e, justamente nesta perspectiva, os demais entes se transformam em objetos desse homem/sujeito. Agora, diferentemente de outrora, o Subiectum não é mais o nome nem o conceito utilizado para definir os entes: animais, plantas, pedra. O Subiectum transformara-se em Sujeito e o sujeito concerne àquilo que é atribuição do homem enquanto fundamento de todo o representar. Aqui o conhecer adquire também uma nova compreensão, pois na perspectiva cartesiana, conhecer é aquilo que de forma indubitável é representado pelo sujeito. Para isso, torna-se importante a existência do método (methodus), “nome para o pro-cedimento assegurador e conquistador que se abate sobre o ente, a fim de assegurá-lo como objeto para o sujeito”. (HEIDEGGER, 2007, p. 127).

Pensar em tempos de pós-verdade, para muitas pessoas, não requer métodos e nem tampouco normas científicas pois o pensar está submisso a uma única lógica: a lógica da crença, da convicção, responsável por criar verdades mirabolantes e fantasiosas. Ao fazer isso esse sujeito dispensa a ciência e o conhecimento que o sujeito cartesiano sempre buscou e instaura no mundo um novo dogma a ser combatido: a fantasia da verdade como nos explica Muniz:

Incontáveis informações passam diante dos nossos olhos todos os dias, algumas verdadeiras, bem fundamentadas, factuais, outras tantas falsas, vestidas, no entanto, com a fantasia da verdade. A camisa é da verdade, a calça é da verdade, os sapatos são da verdade, todavia, o corpo e a alma, conteúdos principais, mostram-se, no mais das vezes, falsos (p.123).

Partindo desse pressuposto é que consideramos urgente e necessário que saltemos do pensamento enquanto território de existência para o pensamento enquanto território de resistência para combater o culto a ignorância e o desprezo pelo conhecimento e pela verdade, cuja crise, marca a era pós-verdade.

RESULTADO

Vivemos um tempo em que depende da Resistência a nossa Existência enquanto seres humanos e não há como resistir sem pensar sobre as relações de poder que nos cercam de todos os lados, dessa forma é necessário no contexto atual um pensar que não se limite: a buscar a verdade, a conhecer. É preciso promover outra Revolução do Pensamento. Não faz mais sentido Compreender o pensamento pela perspectiva da crença na existência. A Revolução necessária é a que ressignifica o pensamento pela perspectiva da resistência.

E este pensamento não se sobrepõe ao mundo físico, mas se integra a ele numa relação de interdependência e é nessa relação que o sujeito do pensar torna-se mais que um sujeito pensante. Torna-se sujeito histórico, livre para lutar sempre pela preservação de sua humanidade. E se há algo fundamental para nossa humanização é o conhecimento e não devemos abdicar dele.

Em tempos de pós-verdade é justamente o desinteresse pelo conhecimento que deve nos preocupar e nos ocupar de uma luta que não é só por conhecimento, mas principalmente pelo conhecimento. Nessa luta pelo conhecimento devemos deslocar o pensamento do território do existir para o território do resistir.

Não é mais apenas a negação do conhecimento ao sujeito que está em jogo mas a negação do conhecimento pelo sujeito. O sujeito nesse caso passa a ser opressor e oprimido dele mesmo, o que torna a tarefa de libertar-se muito mais complexa haja vista que não é o opressor quem liberta, e sim o oprimido conscientizado de sua condição de oprimido já nos ensinava o grande mestre FREIRE,

O grande problema está em como os oprimidos, que “hospedam” o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com opressor, é impossível fazê-lo. A pedagogia do oprimido que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos

instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmos e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestação da desumanização. (FREIRE, 1987, p. 32)

Diante de realidade tão assustadora é necessário refletir sobre caminhos de luta, e um dos apresentados por nós é ressignificar o pensamento enquanto território de resistência; o que implica uma série de atitudes que precisamos adotar enquanto sujeitos e uma delas é não abdicar de nossa condição de sujeitos históricos com a qual transformamos o mundo e podemos transformar também essa realidade.

Para tanto é necessário não esquecer do quão foi e é importante o conhecimento para a conquista de nossa liberdade e que não seria possível chegar a ele e nem tão pouco a liberdade se tivéssemos abdicado do pensar.

É preciso preservar em nós a curiosidade pelo mundo, a certeza de que não sabemos o suficiente e precisamos continuar com as perguntas e a vontade de conhecer, de descobrir porque de tudo isso depende nossa essência humana e nossa liberdade de ser.

CONSIDERAÇÕES

A pós-verdade se tornou um conceito discutido largamente pelas ciências humanas e sociais na atualidade, um movimento na mão contrária do que aconteceu durante séculos quando os indivíduos foram movidos pelo impulso em direção à verdade.

Conhecimento e verdade sempre foram uma questão importante para os seres humanos e mesmo nesse momento de culto a ignorância e ao desinteresse pela verdade é esta, novamente, quem está no centro da questão embora deslocado do centro da importância que sempre teve.

Que os seres humanos sempre tiveram *Vontade de Verdade* isso é algo que já nos alertava Nietzsche e a própria trajetória humana em busca do conhecimento; mas ninguém poderia imaginar que chegaríamos ao tempo em que a *Vontade de Verdade* seria substituída pela superação do desejo da mesma.

A superação do desejo de verdade manifesta por muitos sujeitos na atualidade põe em risco o conhecimento, patrimônio da humanidade construído em meio a muitas lutas e muitas relações de poder e é em defesa do conhecimento que propomos a ressignificação do pensamento enquanto território de resistência.

Essa luta não é mais tão somente por conhecimento, mas também pelo conhecimento patrimônio. Entre a *Vontade de Verdade* e o *Desejo de Verdade* está a liberdade da qual não podemos abrir mão afinal, conhecimento e liberdade, nos ensinou Paulo Freire, são condições ontológicas do ser humano.

Não podemos esquecer que é sempre a lógica da dominação, impedir que o conhecimento seja acessível a todos. No entanto a lógica mudou. O pensamento dominante instrumentalizado pela evolução tecnológica e a massificação dos meios de comunicação promovem em rede, um movimento contra o conhecimento.

Então tomemos a crise da verdade enquanto um fenômeno inquietante, provocador e ameaçador e lancemo-nos sobre ele como sujeitos históricos, interrogando-a, desnudando suas faces, revelando suas intenções e denunciando-as.

É nessa trajetória que realizaremos o pensamento resistência e daremos prova ao mundo de que não há verdade sem conhecimento, conhecimento sem pensamento e pensamento sem um sujeito que pensa no contexto de seu tempo e de sua história como ser curioso, inquieto, criador e, sobretudo: livre.

Dessa forma o pensamento se constitui enquanto território de resistência quando este se constitui menos pela busca da verdade e mais em defesa do pensar como único caminho para se chegar à verdade e, portanto não pode ser desprezado porque dele depende a liberdade humana.

REFERENCIAS

ANAIS do 2º **Encontro Científico Multidisciplinar**: “qualificação profissional e inserção no mercado de trabalho” [textos de] trabalhos apresentados no II Encontro Científico Multidisciplinar da Faculdade Amadeus _ Aracaju: FAMA, 2016. Disponível em: http://faculdadeamadeus.com.br/graduacao/Web/content/content-anais/encontro-multidisciplinar/attachments/download/II%20Enc%20Cientifico_Mult_Creditos.pdf. Acesso em: 12 de set, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

RIBEIRO, Eduardo Ely Mendes. **Individualismo e verdade em Descartes**: o processo de estruturação do sujeito. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

HEIDEGGER, M. Nietzsche II. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.